
Literatura infantil e a tradução de questões culturais

ANÁLISE DO LIVRO 'YNARI A MENINA DAS
CINCO TRANÇAS' DE ONDJAKI PARA UMA
FUTURA TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS PARA
O HOLANDÊS

Bachelor Eindwerkstuk
Felicity de Deus 3478769
Portugese taal & cultuur
Begeleiding: Lurdes Meijer-
Quinta Martins
Tweede lezer: Sara
Brandellero



Universiteit Utrecht

Índice

1. Introdução	4
Quadro teórico	
2. Literatura infantil	5
2.1 Teorias sobre a literatura infantil	5
2.2 O nascimento da literatura infantil	7
3. Teorias da ciência da tradução	
3.1 O processo de traduzir	10
3.2 O mapa de holmes	12
3.3 Tradução literal contra tradução livre	13
3.4 A tradução de nomes próprios e as estratégias de Van Coillie	16
4. Análise para uma tradução de partes do livro <i>Ynari a menina das cinco tranças</i>	
4.1 Pergunta principal	18
4.2 A tradução de nomes de personagens	19
Ynari	19
O homem pequenino	20
O velho muito velho e a velha muito velha	21
4.3 A tradução de nomes de flora e fauna	22
Palanca Negra Gigante	23
Humbi-humbi	25
Olongo	26
Maboque	27
4.4 Tradução de conceitos culturais	
Cubata	29

Fuba	30
Soba	30
Batuque	30
Cacimbo	32
5. Conclusão	33
Bibliografia	35
Anexo – fragmentos de <i>Ynari a menina das cinco tranças</i>	38
Samenvatting	43

VERKLARING: INTELLECTUEEL EIGENDOM

De Universiteit Utrecht definieert het verschijnsel “plagiaat” als volgt:

Van plagiaat is sprake bij het in een scriptie of ander werkstuk gegevens of tekstgedeelten van anderen overnemen zonder bronvermelding. Onder plagiaat valt onder meer: het knippen en plakken van tekst van digitale bronnen zoals encyclopedieën of digitale tijdschriften zonder aanhalingstekens en verwijzing; het knippen en plakken van teksten van het internet zonder aanhalingstekens en verwijzing; het overnemen van gedrukt materiaal zoals boeken, tijdschriften of encyclopedieën zonder aanhalingstekens of verwijzing; het opnemen van een vertaling van bovengenoemde teksten zonder aanhalingstekens en verwijzing; het parafraseren van bovengenoemde teksten zonder verwijzing. Een parafraze mag nooit bestaan uit louter vervangen van enkele woorden door synoniemen; het overnemen van beeld-, geluids- of testmateriaal van anderen zonder verwijzing en zodoende laten doorgaan voor eigen werk; het overnemen van werk van andere studenten en dit laten doorgaan voor eigen werk. Indien dit gebeurt met toestemming van de andere student is de laatste medeplichtig aan plagiaat; ook wanneer in een gezamenlijk werkstuk door een van de auteurs plagiaat wordt gepleegd, zijn de andere auteurs medeplichtig aan plagiaat, indien zij hadden kunnen of moeten weten dat de ander plagiaat pleegde; het indienen van werkstukken die verworven zijn van een commerciële instelling (zoals een internetsite met uittreksels of papers) of die tegen betaling door iemand anders zijn geschreven.

Ik heb de bovenstaande definitie van het verschijnsel “plagiaat” zorgvuldig gelezen, en verklaar hierbij dat ik mij in het aangehechte essay / werkstuk niet schuldig heb gemaakt aan plagiaat.

Titel paper / BA-eindwerkstuk / ~~MA-scriptie~~ (doorstrepen wat niet van toepassing is):

Literatura infantil e o traduzir de questões culturais

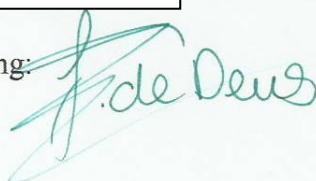
Naam: Felicity de Deus

Studentnummer: 3478769

Plaats: Rotterdam

Datum: 13-07-2014

Handtekening:



1. Introdução

Este trabalho final do Bacharelato do estudo Língua e cultura Portuguesa foca a literatura infantil e sua tradução. Tentamos responder às perguntas: ‘*O que é a literatura?*’, ‘*O que é uma tradução?*’, e ‘*Como se traduz literatura infantil?*’. O livro *Ynari a menina das cinco tranças* de Ondjaki é o centro da análise para uma futura tradução de Português da variante angolana para o holandês.

No capítulo 2 aprofundamos a literatura infantil e tentamos encontrar uma proposta da literatura de acordo com a teoria de Rigney e Ghesquiere. Falamos de uma discussão sobre a definição de literatura mencionada por Ghesquiere. O grupo-alvo também é analisado, porque antes de fazer uma tradução, o tradutor deve saber para quem vai traduzir. Para melhor entender a literatura infantil falamos do seu nascimento e do seu estado hoje.

Expomos algumas teorias da ciência da tradução no capítulo 3. Discutimos as estratégias diferentes que se pode aplicar com o apoio de Munday(2008) e Holmes(2008). A teoria sobre tradução literal contra tradução livre de Vinay e Darbelnet(1995) é mencionada. Van Coillie(2006) trata a tradução de nomes próprios na literatura infantil. Neste capítulo também há uma tabela(de van Coillie) com dez estratégias para fazer uma tradução de nomes próprios.

No capítulo 4 aplicamos as teorias de capítulo 3 para responder à pergunta principal. A história *Ynari a menina das cinco tranças* contém muitos conceitos da cultura angolana que são desconhecidos pelo grupo-alvo que vai ler a tradução. Após de um resumo breve do livro, analisamos nomes de personagens e a sua tradução. Depois falamos da tradução de nomes de flora e fauna e as estratégias de Jan van Coillie. Finalmente tratamos a tradução dos conceitos culturais desconhecidos encontrados no livro com o apoio de Van Coillie, Vinay e Darbelnet.

O último capítulo é a conclusão deste trabalho no qual respondemos a pergunta principal.

2 Literatura infantil

Neste capítulo focamos o conceito da literatura infantil e as ideias de Rigney, Ghesquiere e Oittinen. Quando aprofundamos este conceito aprendemos mais sobre o grupo-alvo e o objectivo dessa forma de literatura. Na segunda parte deste capítulo observamos o nascimento da literatura infantil e a influência do Iluminismo.

2.1 Teorias sobre a literatura infantil

Na literatura infantil há dois conceitos que precisam de uma explicação. Em primeiro lugar temos a literatura e depois a infância. Da literatura podemos dizer que é considerada uma arte que se ocupa com a criação e a composição de textos.

“ Sérico, profundo, instrutivo, filosófico, excitante...: a viabilidade de alguns textos parece inseparável ligada ao facto de que contribui, de uma ou outra maneira, positiva à vida intelectual de indivíduos e grupos. Em primeiro lugar essa função tem a ver com a espécie dos temas que os autores tratam: temas com um significado existencial ou um significado moral que determinam nossa imagem humana ou nosso ponto de vista do bem ou do mal. ”(Rigney 2006: 56) ¹

A viabilidade de um texto vem através do significado que tem para nós, diz Rigney. É óbvio que um texto somente vive quando é lido por um leitor, mas para ser lido tem que ser atraente. Temas com diferentes significados ou aspectos estilísticos, como foram mencionados na citação, fazem com que um texto tenha viabilidade. Há uma discussão acerca da definição de literatura que é composta de duas opiniões gerais.

“ A primeira opinião identifica a literatura com textos ‘valiosos’ de autores grandes que são reconhecidos. ”(Ghesquiere, 2000: 20)²

¹ Citação de Rigney traduzida do holandês pelo autor

² Citação de Ghesquiere traduzida do holandês pelo autor

A segunda ideia que participa na discussão, mencionada por Ghesquiere faz parte da teoria do teórico Even-Zohar. No seu poli-sistema todas as formas de literatura são consideradas sistemas literários que vivem indiferentes um do outro. Esta aproximação não forma uma opinião sobre o valor estético. A discordância sobre o conceito literatura prova que é difícil dar uma definição concreta. Toda a gente tem a sua opinião de o que é literatura verdadeira.

Depois de tratar a literatura vamos observar a noção da infância. A infância é uma noção ampla que podemos explicar como uma fase na vida de seres humanos, que começa com o nascimento e vai até mais ou menos a idade de doze anos. Nesta fase fazemos uma distinção entre o bebé e a criança. Os desenvolvimentos físicos e psicológicos que a criança experimenta são características grandes desta fase na sua vida.

Após de observar “literatura” e “infância” podemos responder a questão ‘*O que é a literatura infantil?*’ Conforme Ghesquiere há três respostas para responder essa questão: ‘(a) *São textos literários escritos pelas crianças, (b) textos literários escritos para crianças e (c) textos literários lidos pelas crianças.*’(Ghesquiere, 2000:9) ¹ Para este trabalho é relevante usar a última resposta por que vamos focar na tradução de literatura que é predestinada para ser lida pelas crianças. Apesar de estas três interpretações de literatura infantil, o conceito sempre tem um significado típico. O termo diz respeito a livros e textos destinados para crianças desde dois anos até a puberdade, que quer dizer até aproximadamente o décimo-segundo ano da vida.

“ As Barbara wall points out, “ if books are to be published, marketed and bought, adults first must be attracted, persuaded and convinced.” Children’s books need to conform to adult tastes and likes and dislikes: to put it explicitly, the adults are the producers and the children the consumers of children’s literature.”(Oittinen 2006: 36)

Riitta Oittinen cita Wall nesta citação e quer mostrar com isso que é sempre o adulto, que comanda quais são os textos que as crianças podem ou devem ler. A influência do adulto na publicação dos livros para o público infantil é imenso.

¹Citação de Ghesquiere traduzida do holandês pelo autor

Em primeiro lugar o adulto tem a oportunidade para avaliar o livro e ler se é adequado para ser lido pela criança. Com base na opinião de Oittinen podemos concluir que os escritores da literatura infantil escrevem para dois públicos em vez de um só: respectivamente para o adulto e a criança.

Interacção e imagens são características importantes da literatura infantil. Esses elementos ajudam a criança com o melhor compreender de um texto. Quando comparamos a literatura infantil com a literatura para o adulto vemos que a última quase sempre só consiste de texto. Uma outra diferença é o uso da linguagem na literatura infantil, os autores usam palavras mais simples e explicativas.

2.2 O nascimento da literatura infantil

No século XVIII podemos encontrar a origem da literatura infantil. Neste século, que também é chamado ‘o Século das Luzes’, houve uma alteração no pensamento dos intelectuais europeus sobre questões como a igreja, o estado e a sociedade. A ideia dos filósofos iluminantes era que a sociedade encontrava-se nas trevas e devia ser iluminada. A estimulação de ciência e o intercâmbio intelectual eram importantes para o Iluminismo. Antes deste século a criança era vista como um adulto e o trabalho infantil era normal.

‘ Paralelo à ‘infância’ nasceu também a literatura infantil na segunda metade do século XVIII. Nasceram textos literários, escritos explicitamente para crianças ou, textos mais vagos que são encontrados próprios para crianças e/ou são adaptados para ser próprios.’(Ghesquiere 2000:13) ¹

Mas, como foi escrito por Ghesquiere, o curso de pensamento que considerava a infância como adulto, mudou com o desenvolvimento do movimento cultural, a saber o Iluminismo. A educação das crianças recebe mais atenção com o nascimento da burguesia. As crianças que faziam parte da burguesia foram poupadas do trabalho infantil, assim iniciou-se uma grande diferença entre a criança e o adulto.

¹ Citação de Ghesquiere traduzida do holandês pelo autor

Os autores começaram a escrever especialmente para as crianças. A ideia era que a literatura podia ajudar com a educação do espírito jovem. Assim nasceu um ramo novo de literatura: a literatura infantil.

Quando começaram a escrever textos especialmente para a infância, o objectivo mais importante era o apoio na educação da criança. O nascimento da literatura infantil foi acompanhado da pedagogia que tem tudo a ver com a educação da infância. Salzmán era um filósofo alemão e fazia parte do grupo pedagógico ‘os filantropos’ no século XVIII, que formulou umas regras para a literatura infantil:

‘As crianças representadas na literatura infantil têm que julgar e trabalhar como a gente deseja que vão julgar e trabalhar (...) A gente também deve transmitir as consequências tristes para as crianças, que são o resultado da distração do culpado.’(Salzmán em Ghesquiere 2000: 15)¹

A citação é um exemplo das ideias que existiram sobre o conceito da literatura infantil. As narrações foram escritas num tom moralizador para dar as crianças exemplos de pessoas bem-educadas e com boas maneiras. Podemos dizer que a literatura como uma forma de arte foi relegada num segundo plano e a educação era o mais importante.

Hoje em dia os textos para as crianças podem conter fantasia em vez de só ter tópicos realistas.

‘Gradually, imagination became acceptable in children’s literature (mainly through translation of folktales and artistic fairy tales, such as Andersen’s) until finally it became the prevailing norm.’(Shavit, 1986: 26)

O conto de fada, que Shavit menciona, é um tipo de literatura infantil muito popular. O conto da ‘Branca de Neve e os Sete Anões’, escrito em 1815 pelos irmãos Grimm, contém muitos elementos de fantasia como a magia por exemplo. Mas apesar destes elementos, o tom moralizador fica. O conto é uma lição para as crianças aprenderem que a inveja é má. Portanto a literatura infantil fica ligada a pedagogia.

¹ Citação de Salzmán traduzida do holandês pelo autor

Resumindo a informação deste capítulo concluímos que é difícil encontrar uma definição de literatura. Mas o que entendemos é que a literatura é uma arte, que se ocupa com a composição e a criação de textos literários com objectivos diferentes, como instrutivo ou filosófico (Rigney 2006:56). A infância é uma fase de desenvolvimento desde o nascimento até o décimo-segundo ano. A literatura infantil é escrita para o público infantil mas tem uma grande influência do adulto e a sua opinião. Antes do Século das Luzes a criança não era considerada diferente do adulto. Desde XVIII os autores começaram a escrever histórias especialmente para a infância, mas sempre num tom moralizador. A literatura infantil comparticipa na educação das crianças.

3 Teorias da ciência da tradução

3.1 O processo de traduzir

“ Translating may be defined as the process of transforming signs or representations into other signs or representations. If the originals gave some significance, we generally require that their images also have the same significance, or, more realistically, as nearly the same significance as we can get. Keeping significance invariant is the central problem in translating between natural languages.” (Oettinger 1960: 104)

Oettinger expressa nesta citação a sua ideia de uma definição de traduzir. Explica assim que traduzir é um processo de transformar sinais para outros sinais. Portanto não fala de traduzir somente palavras de uma língua para a outra, mas escreve que são os sinais (palavras) que têm imagens que podemos considerar mais ou menos universal. A manutenção do significado original de imagens na tradução é um problema central segundo Oettinger. Foram feitas muitas tentativas para dar uma definição do conceito de traduzir. Segundo van Leuven-Zwart ainda ninguém conseguiu dar uma boa definição de traduzir.

*“ Cada uma tentativa para dar uma definição, que explica e envolve tudo, foi- pelo menos provisório- um fracasso. (...) As tentativas para definir o que é traduzir, resultam quase todas em o que é traduzir – ou o que é uma tradução- como **deve ser**.”*(van Leuven-Zwart 1992:21/22) ¹

Munday, o autor do livro *‘Introducing Translation Studies’* explica que o termo ‘tradução’ tem significações diferentes e não procura dar uma definição exacta.

*“ The term **translation** itself has several meanings: it can refer to the general subject field, the product (the text that has been translated) or the process (the act of producing the translation, otherwise known as translating).”*(Munday 2001:5)

¹ Citação de van Leuven- Zwart traduzida do holandês pelo autor

Além disso está feita uma diferença entre três tipos diferentes de tradução, pelo teórico Roman Jakobson:

“(1)Intralingual translation, or ‘rewording’: ‘an interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language.’

(2)Interlingual translation, or ‘translation proper’: ‘an interpretation of verbal signs by means of some other language.’

(3)Intersemiotic translation, or ‘transmutation’: ‘an interpretation of verbal signs by means of signs of non-verbal systems.’ (Munday 2001:5)

Neste trabalho vamos focar no processo de fazer uma tradução interlinguística de um texto literário. No processo de traduzir, o tradutor tem a tarefa de transformar o texto original da **língua de origem** para o texto numa outra língua, nomeada a **língua alvo**. O texto que será traduzido chamamos o **texto de partida**, o **texto de chegada** é o resultado final da tradução. Junto de ser interlinguística uma tradução também é intercultural, porque estão envolvidas nas duas culturas no processo de traduzir. O tradutor é um intermediário entre a cultura de origem e a cultura de chegada.

“ A tradução de um texto literário não se ocupa só com manejar a língua como um elemento linguístico, mas se calhar ainda se ocupa mais com a entrada nas culturas que o tradutor encontra. Nesta maneira cada tradução, primeira e sobretudo, é uma tradução cultural.”(Evenepoel, 2004: 10)¹

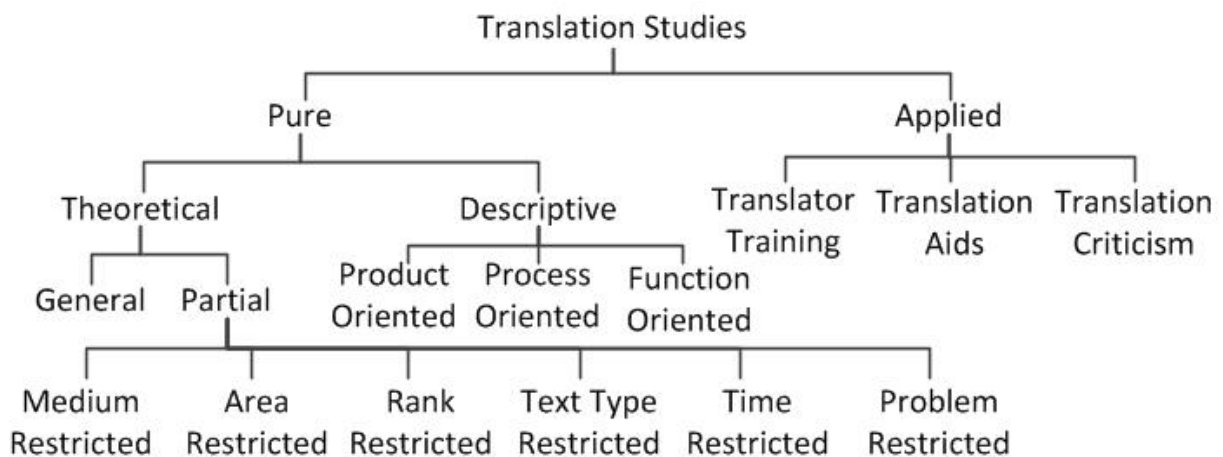
Após de tomar em consideração as citações diferentes sobre a tradução, podemos concluir que uma tradução de um texto original para um texto de chegada é um processo complexo. O tradutor pretende obter uma tradução numa outra língua que tem a mesma significação como o texto de partida na língua de origem. No mesmo tempo de ser um tradutor, também é um intermediário entre a cultura de origem e a cultura de chegada. Assim uma tradução é linguística e cultural, ou melhor dito interlinguística e intercultural.

¹ Citação de Evenepoel traduzida do holandês pelo autor

3.2 O mapa de Holmes

A ciência em geral tem muitos objectivos, como adquirir informação sobre o funcionamento do Universo. Na ciência de traduzir está feita uma distinção entre as maneiras de fazer investigação. James S. Holmes escreveu um trabalho sobre o traduzir como uma disciplina distinta: *‘The name and nature of translation studies’*(1972). Esse trabalho ajudou desenvolver a tradução como uma ciência. Vamos observar breve os ramos diferentes no estudo de traduzir, que o teórico Holmes distingue, para melhor compreender as teorias que serão tratadas depois.

Primeiramente vemos no esquema de Holmes aqui em baixo, que a ciência está dividida em duas partes, a saber uma parte ‘pura’ e a parte que é chamada de ‘aplicada’.



(Fonte: www.sanjun.org)

Na parte pura podemos distinguir duas outras partes chamadas de ‘teórica’ e ‘descritiva’. O objectivo da investigação teórica na ciência da tradução é, descrever o fenómeno de traduzir; o termo usado para dar um nome à área é *Descriptive Translation Studies (DTS)*. Também é importante nesta área desenvolver princípios gerais que possuem a habilidade para explicar e profetizar esse fenómeno; chamada de *Translation Theory* (van Leuven-Zwart 1992:60). A parte teórica subdivide-se mais nas partes ‘geral’ e ‘parcial’.

“ By ‘general’, Holmes is referring to those writings that seek to describe or account for every type of translation and to make generalizations that will be relevant for translation as a whole.”(Munday 2008:10)

A secção ‘parcial’ ocupa-se com teorias limitadas às subdivisões da tradução, nomeadas no esquema. Ao lado da parte ‘teórica’ já vimos que tem uma parte que se chama ‘descritiva’. Essa última parte também foi subdividida, respectivamente em ‘produto – orientado’, ‘processo-orientado’ e ‘ função- orientada’. Na secção ‘produto- orientado’ é importante examinar traduções existentes. Na segunda parte que é processo- orientado está no centro o processo que ocorre na mente do tradutor. Na última parte o foco está na função duma tradução dentro da cultura de chegada, Holmes escreve: ‘ ‘ *It is a study of contexts rather than texts.* ’’(Munday 2008:10)

De volta para a primeira distinção no esquema fica por observar a parte ‘aplicada’. Esta parte da ciência da tradução ocupa-se com os meios que ajudam melhorar o processo da tradução e as capacidades do tradutor. Nesta parte encontramos as subdivisões ‘treino do tradutor’ (métodos de ensinar), ‘recursos para traduzir’ (dicionários) e ‘tradução-crítica’ (avaliação de traduções). O mapa de Holmes é muitas vezes um ponto de partida, embora recebeu crítica de outros teóricos (Munday 2008:12).

3.3 Tradução literal contra tradução livre

O processo de traduzir depende do método que é escolhido pelo tradutor no estágio do começo. Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet são teóricos que escreveram o livro ‘*Comparative Stylistics of French and English - A methodology for translation*’ em 1958. Vinay e Darbelnet escrevem na introdução do livro que o tradutor em geral tem duas opções entre métodos de traduzir no estágio do início, nomeadamente fazer uma tradução literal ou fazer uma tradução oblíqua/livre (Vinay e Darbelnet 1995: 31). Uma tradução literal é dependente de semelhanças entre a língua-fonte e a língua-alvo, porque são métodos que se ocupam com traduzir palavra por palavra, ou elemento por elemento como Vinay e Darbelnet escrevem.

‘ ‘ *In some translation tasks it may be possible to transpose the source language message element by element into the target language, because it is based on either (i) parallel categories, in which case we can speak of structural parallelism, or (ii) on parallel concepts, which are the result of metalinguistic parallelisms.* ’’(Vinay e Darbelnet 1995:31)

A possibilidade de fazer uma tradução literal é maior quando há paralelos estruturais e conceitos equivalentes nas línguas em questão. Na citação acima está explicada que conceitos equivalentes são um resultado de semelhanças outras da linguística, metalinguística.

Antes de tudo o mais importante de fazer uma tradução correcta é o transmitir da mensagem do texto de fonte. A mensagem do texto de fonte deve ficar a mesma, ter um sentido e a estrutura deve ser possível na tradução. Um dos métodos para fazer uma tradução literal, descrito por Vinay e Darbelnet, é ‘borrowing’. Esse método existe de emprestar palavras da língua-fonte em vez de pesquisar palavras na língua-alvo para a tradução. O empréstimo de palavras de uma outra língua é por exemplo uma solução para traduzir e introduzir conceitos que são desconhecidos na cultura de chegada.

‘ For instance, in order to introduce the flavour of the SL(source language) culture into a translation, foreign terms may be used, (...) ‘dollars’ and ‘party’ from American English, Mexican Spanish food names ‘tequila’ and ‘tortillas’, and so on.’(Vinay e Darbelnet 1995: 32)

A palavra ‘tequila’ é de fama mundial pelo método de emprestar palavras. Emprestar palavras também pode ser considerado como um efeito estilístico.

Uma outra forma de traduzir literal é chamada de ‘calque’, que é também uma espécie de emprestar. Esse método concerne expressões de língua-fonte que são traduzidas para a língua-alvo elemento por elemento. Um exemplo de Vinay e Darbelnet, p.33:

<i>English Source</i>	<i>French Calque</i>
Matrimony is a fifty-fifty association	Le mariage est une association à cinquante-cinquante

Depois de ter discutido duas formas de tradução literal, nesta parte focamos na tradução oblíqua, também denominada de tradução livre. Contrário à tradução literal, esta maneira de traduzir não se ocupa com manter a estrutura das frases do texto, ou usar palavras iguais na tradução. Munday chama esse método ‘sense-for-sense’, o que quer dizer traduzir significado- por- significado em vez de traduzir palavra por palavra. Usando esse método o tradutor tentará conseguir transmitir a mensagem do texto de origem na tradução, sem ficar tão perto nas palavras usadas pelo autor original.

“ *The sense-for-sense approach, on the other hand, allowed the sense or content of the ST(source-text) to be translated.* ”(Munday 2008: 20)

Como na tradução literal há também maneiras diferentes para aplicar a tradução livre, uma dessas maneiras é a adaptação. A adaptação dum mensagem pode acontecer em consequência dum mudança no ponto de vista. Um exemplo para melhor compreender:

“It is not difficult to show” → Il est facile de démontrer(Vinay e Darbelnet 1995:37)

Nesta frase o foco mudou dum negação para uma confirmação, assim sendo o tradutor aplicou o método da adaptação. A mensagem fica a mesma, mas é reproduzido de outra forma na língua-alvo.

O segundo método de tradução livre chama-se ‘equivalência’. A equivalência dá a oportunidade ao tradutor de fazer uma tradução, usando uma estrutura diferente ou um outro estilo de escrever. Um exemplo clássico é aquele, de um homem que bate nos dedos com um martelo e grita em português: “Ai!”, mas gritaria em holandês: “Au!”. Há mais tipos de equivalência como sons de animais e onomatopeias:

Um cão a ladrar	
Português	Holandês
“ ão ão”	“Woef woef”

Provérbios também podem ser traduzidos com a equivalência:

“ Chove a cântaros”	“Het regent dat het giet”
----------------------------	----------------------------------

É evidente que não existem equivalentes para todas as expressões na língua-alvo, mas quando já existem, a equivalência pode funcionar como uma solução prática para fazer uma tradução.

3.4 A tradução de nomes próprios e as estratégias de Van Coillie

Um nome próprio é usado para fazer uma distinção entre uma entidade e outras entidades de uma espécie. Assim sendo podemos distinguir entre outros, nomes próprios de animais, nomes de pessoas e nomes geográficos. A primeira pergunta que o tradutor tentará responder é: ‘É necessário traduzir este nome?’ O problema de certos nomes é que têm uma conotação e as vezes também uma função. Quando isso é o caso e o nome fica sem mudança na tradução, não tem o funcionamento como foi intento pelo autor do texto de origem. Muitas vezes aparecem nomes estranhos com uma ortografia que é desconhecida na língua-alvo. Nesses casos é óbvio traduzir os nomes próprios (estratégia 4 da tabela em baixo), porque diz respeito à literatura infantil. Pode influenciar a prazer de leitura da criança quando deve esforçar-se por ler nomes que não pode pronunciar. Em 3.2 tratámos o mapa de Holmes, a teoria que trataremos neste parágrafo podemos classificar como ‘Area restricted’ porque só foca a tradução de literatura infantil, e em especial a tradução de nomes próprios. Para traduzir nomes próprios na literatura infantil Jan van Coillie (2006:125-129) descreveu as dez estratégias seguintes:

Tipo de estratégia		Realização de estratégia
1. Reprodução		O nome próprio estrangeiro não é alterado
2. Não traduzir + explicação adicionada		Adicionar explicações no texto mesmo ou na forma de notas
3. Substituição de nome próprio por substantivo	Cavaco Silva → ‘Presidente de Portugal’	Substituir o nome por um substantivo que caracteriza a entidade
4. Adaptação fonética ou morfológica à língua-alvo	Ana → Anna(holandês)	Mudar a pronúncia ou a maneira de escrever o nome, conforme ao sistema da língua-alvo

5. Exónimo	João → Jan(holandês)	Substituir o nome por um equivalente na língua-alvo
6. Substituição por um nome mais famoso da cultura de chegada, ou um nome conhecido internacional com a mesma função		Optar pela competência de reconhecimento sem abandonar o texto de origem
7. Substituição	Inês → Laura	Integra o nome na língua-alvo por substituição, a função mantém-se
8. Tradução de nomes com uma conotação particular	Snow White → Branca de Neve	Reprodução de conotação do nome próprio na língua-alvo
9. Substituição por um nome com uma outra conotação, ou com uma conotação adicionada		Muda a conotação dum nome ou adiciona uma conotação ao nome
10. Supressão		Omitir o nome próprio

As estratégias tratadas na tabela mostram-nos que há muitas soluções para a questão de traduzir nomes próprios na literatura infantil. O tradutor somente deve escolher qual é o método que quer aplicar na tradução e quais são as estratégias que combinam bem com isso. Os dois métodos, que encontramos repetidas vezes na discussão da ciência da tradução são a **adaptação** (domestication) e a **alienação** (foreignisation). A estratégia de adaptação corresponde a adaptar a tradução à cultura- e língua alvo a tal ponto que, o ‘carácter estranho’ desaparece. Pelo contrário, escolhendo a estratégia de alienação, o tradutor quer manter os aspectos estranhos do texto original na tradução. Por exemplo número 7 da tabela de Jan van Coillie; a substituição poderia apoiar o tradutor quando escolheu aplicar o método de adaptação.

4. Análise para uma tradução de partes do livro *Ynari a menina das cinco tranças*

Neste capítulo vamos analisar algumas partes da história *Ynari a menina das cinco tranças*. Na primeira parte examinaremos em particular nomes próprios dos personagens e de flora e fauna africana. Concerne nomes como <homem pequenino> e <Humbi-humbi>, até que são nomes que crianças portuguesas não vão entender sem informação exterior. Temos de lembrar que o público-alvo muito provável nunca antes ouviu de uma <Palanca Negra Gigante> ou nunca tenha visto um <maboque>. A teoria de van Coillie tratada em 3.4 será usada na tradução dos nomes próprios.

A protagonista da história *Ynari*, é uma menina que traz o cabelo em cinco tranças. *Ynari* vive na savana africana numa aldeia com sua família. Junto com o homem pequenino, a menina deseja que as outras aldeias acabem a guerra e vivem em paz, um com o outro. *Ynari* tem a possibilidade de usar magia e sacrifica as suas tranças para atingir o seu objectivo. Cada vez que corta uma trança, há uma guerra menos entre as aldeias. Também tem a possibilidade de inventar e destruir palavras com a ajuda dos *mais-velhos*, o que favorece a paz.

4.1 Pergunta principal

Textos literários escritos para a infância chamam-se a literatura infantil. Esta forma de literatura tem em vista o divertimento de crianças e o enriquecimento dos conhecimentos dos leitores jovens. Também graças aos tradutores de textos para o público infantil, as crianças podem travar conhecimento com outras culturas até aprender palavras estranhas. Dependente do método escolhido pelo tradutor, a tradução pode ajudar na criação de imagem de aspectos culturais desconhecidos. Para fazer uma tradução correcta, é importante que a mensagem e a intenção do autor do texto fonte mantêm-se na tradução. As opiniões estão divididas sobre os métodos e quais são os mais adequados. Em 3.3 vimos que a tradução literal e a tradução livre são oponentes como também as estratégias da alienação e da adaptação em 3.4. A questão que está no centro das atenções neste trabalho é a tradução de literatura infantil, tendo no foco o livro de Ondjaki: *Ynari a menina das cinco tranças*. A pergunta principal deste trabalho é:

Como se faz uma tradução de literatura infantil, equivalente ao texto fonte, quando este inclui questões culturais desconhecidas?

Para melhor analisar a pergunta principal esta está dividida em duas perguntas, nomeadamente as seguintes:

- *Quais são as questões culturais desconhecidas?*
- *Como se faz, o melhor possível, uma tradução que mantenha os aspectos culturais do texto de origem?*

4.2 A tradução de nomes de personagens

Os personagens em *Ynari a menina das cinco tranças* chamam-se: <Ynari>, <homem-pequenino>, <velho muito velho> e <velha muito velha>. Podemos dividir estes quatro nomes em dois grupos de nomes próprios. O primeiro nome <Ynari> pode-se dividir no grupo de nomes sem significado, os últimos três nomes pertencem ao grupo de nomes com significado. Vamos traduzir os nomes próprios com a teoria de *van Coillie*. Segundo ele pode-se traduzir os nomes próprios com dez estratégias. (veja 3.4).

Primeiramente temos que lembrar que um texto sempre traz elementos culturais que não podemos evitar durante o processo de traduzir (veja 3.1). Segundo Evenepoel (2004) ‘‘*cada tradução (...) é uma tradução cultural*’’.

Uma vista geral dos nomes de personagens que vamos tratar:

Ynari

Homem pequenino

Velho muito velho

Velha muito velha

Ynari

Ynari (veja anexo p10 do livro original) é um nome próprio sem significado e por isso podemos optar pela estratégia de **reprodução**. Assim o nome não muda, o que neste caso é ótimo. O nome não tem uma conotação especial, ou noutras palavras não tem um significado. Desta maneira não faz mal manter o nome como é usado no texto fonte.

Os outros nomes do grupo com significado exigem outras estratégias, porque queremos transmitir a intenção do autor na tradução. Os nomes que têm um significado, muitas vezes têm a intenção de divertir ou ensinar as crianças.

“ Names however, can also have a number of concomitant functions such as amusing the reader, imparting knowledge or evoking emotions. ”(van Coillie 2006: 123)

Para manter o funcionamento, como intento pelo escritor, é lógico traduzir esses nomes. Traduziremos também com a teoria de van Coillie.

O homem pequenino

O homem pequenino é o companheiro da protagonista *Ynari* na sua viagem aventureira. É um ser diferente porque é pequeníssimo, mágico e vem de uma outra aldeia onde todas as pessoas são tão pequenas. O seu nome indica para seu físico, isso é o funcionamento do nome. **Tradução de nomes com uma conotação particular** (veja a tabela em 3.4) é a estratégia que podemos aplicar neste nome. Com este método reproduzimos a conotação do nome na língua-alvo. Uma tradução literal do nome <o homem pequenino> seria: <de man kleine>. No holandês <de> é um artigo e, <klein> é o adjectivo que significa <pequeno>. O substantivo <man> simplesmente significa <homem>. Mas esta tradução não é gramatical. As maiorias dos adjectivos da língua holandesa colocam-se antes dos substantivos. Assim basta traduzir o nome próprio literal para o holandês como: <de kleine man>.

O velho muito velho e a velha muito velha

Os últimos personagens que têm um nome com significado são <o velho muito velho> e <a velha muito velha> (veja p.20 e 25 no anexo). O homem pequenino leva Ynari à sua aldeia onde apresentou-a aos velhos muito velhos. O velho muito velho possui a habilidade de inventar palavras. A velha muito velha pode destruir palavras. Como o homem pequenino é pequeno, os velhos também são pequenos. A conotação desses nomes próprios diz algo sobre a idade e a sabedoria desses personagens, as pessoas mais velhas nas culturas africanas são as mais sábias.

“The elderly, in Africa have always been revered as the source of wisdom and guardians of beneficial cultural practices, family unity and identity(...)”(Dr. Mandlhate, web: World Health Organization)

A introdução do *velho muito velho* e da *velha muito velha* na história reza assim:

“ Era um velho muito velho com umas barbas muito grandes que quase chegavam ao chão. Caminhava com a ajuda de um pau torto, muito torto, que era como se fosse a sua bengala pequenina.

(...) Atrás dele apareceu outra velha muito velhinha, só que não tinha barbas, tinha uma trança branca muito comprida.”(Ondjaki 2004: 20)

Na base de essa descrição destes personagens podemos considerar usar uma das duas estratégias seguintes de van Coillie. A primeira estratégia possível é a ***Tradução de nomes com uma conotação particular***. Traduzir os nomes literalmente seria mais difícil, porque a palavra <velho> no português é um adjetivo mas também um substantivo ‘o velho’, o que significa ‘o homem velho’. No holandês <oud> é o adjetivo que significa <velho> mas é somente usado como adjetivo, assim não se pode dizer ‘de oude’ (<de> é um artigo), como se diz ‘o velho’ no português. Uma tradução literal seria: < de oude heel oude>, <heel> é o advérbio que significa muito, mas esta tradução não é conforme à gramática. Uma tradução boa seria: <De heel erg oude man/vrouw> este nome é gramatical e significa <O homem/a mulher muito velho/a>; o advérbio holandês <heel> foi intensificado pelo outro advérbio <erg> que também significa <muito> mas os dois advérbios juntos acentuam mais o adjetivo <oud> (<velho>), como foi a intenção de Ondjaki com os nomes <o velho muito velho> e <a velha muito velha>.

Para manter o funcionamento desses nomes também podemos usar uma outra estratégia de van Coillie (2006), que é a penúltima estratégia: ***Substituição por um nome com uma outra conotação, ou com uma conotação adicionada.*** Cabelos brancos são uma característica de pessoas velhas, assim sendo uma outra opção seria usar o adjetivo <grijs> o que significa a cor <branco>. Deste modo poderíamos adicionar uma conotação diferente: <de grijsharige man> e <de grijsharige vrouw>, o que significaria <o homem/a mulher de cabelos brancos>. Assim os nomes têm uma conotação com uma significação dupla, que refere à cor do cabelo e à idade dos personagens. Mas mudar a conotação desta maneira não é uma solução boa, porque também há pessoas que têm cabelos brancos mas não são velhas. Discutimos as duas estratégias seguintes:

- **Tradução de nomes com uma conotação particular**
- **Substituição por um nome com uma outra conotação, ou com uma conotação adicionada**

Considerando a ultima estratégia, que consiste de uma conotação adicionada que refere aos cabelos brancos, concluímos que poderia causar dúvidas. Uma mudança da conotação mudaria a intenção do autor, por isso optamos por usar a primeira estratégia. Os nomes com conotação <*O velho muito velho*> e <*a velha muito velha*> serão traduzidos como <de heel erg oude man> e <de heel erg oude vrouw>.

4.3 A tradução de nomes de flora e fauna

Neste parágrafo vamos analisar os nomes dos animais e o nome de um fruto que Ondjaki menciona no livro:

Palanca Negra Gigante

Humbi-humbi

Olongo

Maboque

Palanca Negra Gigante

Ondjaki enriqueceu a história pela menção de animais tipicamente africanos, que acima de tudo são animais que são muito vistos em Angola. O leitor trava conhecimento com a *Palanca Negra Gigante* (veja p13 no anexo), que é um grande símbolo de Angola. *Hippotragus Negra Variani* é o nome latino da *Palanca Negra Gigante*. Este animal é uma espécie rara de antílope que só vive em Angola, na província de Malanje. É também ameaçado de extinção, assim sendo está classificado “como Criticamente Ameaçada na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza” (Revista de bordo-Taag:2010). A cor escura e os seus chifres são característicos da Palanca Negra Gigante.



A Palanca Negra Gigante

fonte: wikimedia (web)

No primeiro encontro de Ynari e o homem pequenino, eles falam sobre a palavra ‘medo’ e a Palanca Negra Gigante está mencionada:

“ – Não tens medo dos bichos? – Ela perguntou.

- Não. Os bichos não fazem mal nenhum... E mesmo a palavra <<medo>> pode ser vivida de várias maneiras.

- Mas quando estás perto de uma palanca negra gigante, tens medo, ou não?

- Sabes, Ynari nunca estive muito perto de uma palanca negra gigante embora já a tenha visto muitas vezes. E tu?” (Ondjaki 2004:12)

O nome holandês que significa <Palanca Negra Gigante> é <Reuzensabelantilope>. O mais lógico é traduzir o nome de animal com essa denominação holandesa. Mas devemos lembrar que estamos a fazer uma tradução para o leitor infantil holandês. Se somente traduzimos o nome com <Reuzensabelantilope> não expressa a posição simbólica que a Palanca Negra Gigante tem em Angola. De volta para a pergunta, “*Como se faz, o melhor possível, uma tradução que mantenha os aspectos culturais do texto de origem?*”, vamos tentar aplicar a segunda estratégia de van Coillie (veja 3.4): **Não traduzir + explicação adicionada**.

“*For the purpose of bridging a difference in ‘knowledge’ between the reader of the source text and the reader of the target text, the translator can add explanations, either in the form of a note or in the text itself.*”(van Coillie, 2010:125)

Optar por não traduzir <a Palanca Negra Gigante> pode intensificar a função informativa que é uma característica da literatura infantil. O leitor da tradução holandesa assim aprenderia palavras estrangeiras e receberá informação sobre o animal numa nota rodapé ou inserida no texto mesmo. Desta maneira o leitor está encorajado para adquirir informação nova.

Vamos traduzir a frase seguinte para o holandês:

“- *Mas quando estás perto de uma palanca negra gigante, tens medo, ou não?*”(Ondjaki 2004:12)

: “*Maar als je dichtbij een grote palanca negra¹ staat, ben je dan bang, of niet?*”

Na tradução do nome <Palanca Negra Gigante> apenas traduzimos a palavra gigante para o holandês. O adjectivo <gigante>, que significa <groot> no holandês faz que as crianças percebam imediato que concerne um animal grande. O desenho na página 13 (veja anexo) do livro original, é uma imagem da palanca negra gigante, isso ajuda a criação da imagem do leitor infantil.

Adicionamos uma nota rodapé indicada como [1] que fornece o seguinte: “*De Palanca Negra Gigante is een ondersoort van de antilope. Dit dier staat in het Nederlands bekend als de Reuzensabelantilope en leeft alleen in Angola. Omdat de Palanca Negra Gigante alleen leeft in Angola is het een symbool voor dit land.*”

: ‘’ A Palanca Negra Gigante é uma subespécie do antílope. No holandês este animal é conhecido como *Reuzensabelantilope*, e apenas vive em Angola. A Palanca Negra gigante simboliza Angola porque só vive lá.

Humbi-humbi

Um outro animal mencionado na história de *Ynari a menina das cinco tranças* é a ave *humbi-humbi*. A denominação latina deste animal é *Ciconia Abdimii*, o nome português é *Cegonha-de-Abdim*. Este tipo de pássaro vive só em África. *Humbi-humbi* é a denominação de idioma angolano: Umbundu. Até uma canção angolana popular de Djavan chama-se *humbi-humbi* e a letra diz:

“Humbi humbi é um pássaro da tradição angolana que anuncia o nascer do sol, as boas sementeiras e voa alto, cada vez mais alto, convidando outros pássaros para voarem com ele para que, juntos, possam ter uma visão mais ampla do universo.”(Meira, 2009)



O humbi-humbi

Fonte: wikipedia (web)

Nas culturas africanas é comum que a aparição de um certo animal tem uma mensagem, como foi descrito na letra da canção.

Ondjaki mencionou mais uma vez um animal que tem um significado simbólico na cultura africana, neste caso na cultura angolana. Como vamos traduzir o nome ‘*humbi-humbi*’ sem mudar a intenção do escritor Ondjaki? Podemos concluir que a intenção de Ondjaki era a

introdução da cultura africana na história *Ynari a menina das cinco tranças*. Isso é determinado, entre outros, na base da sua escolha por escrever sobre animais típicos africanos, somente ou muito vistos em Angola, e pelo uso dos nomes angolanos.

Para determinar que estratégia será usada para fazer uma tradução de <Humbi-humbi> voltamos para a teoria de van Coillie (2006). No caso da tradução do nome <Palanca Negra Gigante> optámos pela reprodução do nome e uma explicação adicionada. Seria óptimo fazer o mesmo com a tradução de <humbi-humbi>. Não é impossível, mas a pronúncia das letras <H> e <U> é diferente no holandês. Essa diferença de pronúncia causaria dificuldade na leitura do nome para as crianças. Por isso procura ser interessante a quarta estratégia da tabela de van Coillie (veja 3.4): *Adaptação fonética ou morfológica à língua-alvo*. Pela adaptação morfológica do nome, podemos manter a pronúncia original. A consoante <h> nunca é pronunciada na língua portuguesa, apesar de ser escrita. A pronúncia da letra <u> corresponde ao som <oe> no holandês. Uma adaptação fonética de <humbi-humbi> à língua-alvo, o holandês, significaria que a letra <h> desaparece. A letra <u> muda para o equivalente fonético <oe>. Com estas adaptações escreve-se <Oembi-oembi> e a pronúncia fica a mesma como na história original.

Depois de mudar a morfologia do nome <Humbi-humbi> podemos adicionar uma explicação, como foi feito na tradução de <Palanca Negra Gigante>. Nesta maneira está feita uma combinação das duas estratégias de van Coillie, o que quer dizer que adaptamos a fonologia do nome e vamos adicionar uma explicação. A explicação vai consistir do nome holandês e uma descrição de onde se pode encontrar a ave.

O *Humbi-humbi* está mencionado nas citações seguintes:

- “ O humbi-humbi preso, nas gaiolas, morre.”
- “ O humbi-humbi não conhece gaiola, só respeita nuvem.” (Ondjaki 2004: 23-24)

Uma tradução das duas citações:

- “ De Oembi-oembi^[1] gevangen in een kooi, gaat dood.”
- “ De Oembi-oembi kent de kooi niet, hij respecteert alleen de wolken.”

[1] “ Humbi-humbi is een Angolese naam voor de vogel ‘Abdims Ooievaar’. Deze vogel leeft in veel landen in Afrika en wordt vaak gezien in Angola.”

: [1] “ Humbi-humbi é o nome angolano da ave ‘Cegonha-de-Abdim’. Esta ave vive em muitos países em África e é muito vista em Angola.”

Olongo

Os homens da aldeia de Ynari são caçadores e trazem ‘*Olongos mortos*’ de volta para a aldeia.

“ *Ynari não gostava de ver os olongos mortos, embora a sua avó lhe tivesse explicado que os homens da sua aldeia só caçavam para comer.* ”(Ondjaki 2004: 14)

Em Portugal essa espécie de antílope é chamado <grande-cudo> e vive no leste e oeste de África. No holandês é chamado <grote-koedoe>.



O Olongo

Fonte:blogdangola (web)

Para a tradução desse nome podemos optar pela estratégia de ‘não traduzir’ como fizemos com <Palanca Negra Gigante> e adicionar uma explicação. Mas a pronúncia de <olongo> é diferente no holandês, isso poderia causar um problema para o público-alvo. Por isso podemos fazer uma adaptação fonética como na tradução de <humbi-humbi> para <oembi-oembi>. Neste caso temos a letra <o> que é pronunciada como <oe> no holandês, o mesmo no caso da letra <u>. <Olongo> muda para <Oelongoe>, assim aplicando a estratégia de van Coillie: ***Adaptação fonética ou morfológica à língua-alvo.***

Maboque

Outra vez encontramos um nome que não se pode encontrar no dicionário português: <maboque>. O maboque é um fruto que vem da árvore chamada ‘maboqueira’ (*Strychnos Spinosa*), essa cresce em alguns países de África como em Moçambique e em Angola. A cor do fruto muda de verde para amarelo e é “juicy, sweet-sour, (...) containing numerous hard brown seeds” (Sitrit 2003). A denominação <maboque> vem de Umbundu (como o nome humbi-humbi) uma das línguas angolanas.



Maboque

Fonte: Wordpress(web)

Esse fruto exótico é uma das questões culturais desconhecidas que encontramos no livro. Como vamos traduzir esse nome para o holandês? Uma opção é usar a estratégia que aplicámos na tradução de <Humbi-humbi>. Podemos mudar a morfologia da palavra <maboque> para <mabok> de modo que o público-alvo poderia pronunciar a palavra como é pronunciada em Angola. O som <-que> substituímos pelo som equivalente <k>, na base da estratégia de van Coillie (3.4): **Adaptação fonética ou morfológica à língua-alvo**. De novo adicionaremos uma explicação breve da palavra.

Nesta parte do livro Ynari está numa aldeia onde não se podem provar os alimentos:

“Comiam de tudo, mas não conheciam a diferença entre o doce e o salgado, entre a manga e o maboque, entre a cana-de-açúcar e o peixe-seco.” (Ondjaki 2004: 36)

: “ Ze aten van alles, maar ze kenden geen verschil tussen zoet en zout, mango en mabok¹, suikerriet en gedroogde vis.”

Um exemplo numa explicação que podemos adicionar:

“[1] O maboque é um fruto amarelo-verde com um sabor doce e ácido. Este fruto cresce em África em países como África-do-sul, Moçambique e Angola.”

: [1] Mabok is een geelgroene vrucht met een zoetzure smaak. Deze vrucht groeit in Afrika in landen zoals Zuid-Afrika, Mozambique en Angola.

4.4 A tradução de conceitos culturais

No livro de Ondjaki encontramos conceitos culturais que não existem na Europa. O objectivo deste parágrafo é analisar os conceitos culturais desconhecidos e fazer uma tentativa para traduzir essas palavras. Vamos analisar os conceitos seguintes:

Cubata

Fuba

Soba

Batuque

Cacimbo

Cubata

Durante o primeiro encontro de Ynari e o homem pequenino, a menina menciona as cubatas da sua aldeia (veja anexo p11 do livro). “*Eu venho daquela aldeia ali – apontou a menina na direcção das cubatas.*” (Ondjaki 2004:11) A cubata é desconhecida na cultura holandesa, não existe na Holanda como uma forma de alojamento. No dicionário ‘van Dale’¹ a palavra é traduzida por <negerhut>, isso é uma composição das palavras <neger> e <hut>. A palavra <neger> pode-se comparar com a palavra <preto> para designar uma pessoa negra, tem uma conotação pejorativa. Por isso não é uma opção usar essa tradução de <negerhut> no livro de Ondjaki apesar de que é o equivalente. <Hut> significa <cabana> e é vista como pobre e assim associado com os povos primitivos. Parece que Ondjaki queria criar uma imagem estranha e africana quando usou a palavra <cubatas> para designar a habitação dos personagens no livro, porque uma grande parte da população em Angola vive numa casa.

Podemos manter essa imagem estranha e traduzir < cubata > por < hut >, assim optaremos pela estratégia de alienação (veja 3.4) e a tradução seria literal. Se optássemos por uma tradução mais adaptada à cultura de chegada, a palavra < huisje > fosse melhor. < Huisje > significa < casinha > e é mais conhecida como uma acomodação do que uma < cubata > na cultura holandesa. Procuramos manter os conceitos culturais na tradução para o holandês, por isso optamos pela tradução literal de < hut >.

Fuba

Ynari e o homem pequeno estão numa aldeia que está em guerra com uma outra aldeia porque não podem cheirar.

“ O mais-velho da aldeia explicou a Ynari que eles nunca tinham sentido o cheiro das coisas, da fruta, do peixe-seco, da fuba. ” (Ondjaki 2004: 35)

A palavra fuba significa < farinha > no quimbundo¹, este tipo de farinha é feita do milho. Com essa farinha pode-se, por exemplo, fazer papa ou bolos. Vamos traduzir para o holandês como < maismeel > o que é o equivalente e significa < farinha do milho >.

Soba

Ynari vai pelas aldeias que estão em guerra. Quando entra na aldeia do homem pequenino encontramos a palavra e o conceito < soba >. < Soba > significa ‘ chefe de tribo em África ’ mas no Quimbundo¹ tem uma outra significação, a saber aquela de < potentado >. < Potentado > tem um equivalente no holandês: < machthebber >. Considerando que estamos a traduzir para crianças, é se calhar melhor procurar uma palavra mais conhecida que significa o mesmo como a palavra holandesa < leider >. < Leider > significa < chefe > no português e será mais compreensível para o público alvo. Traduzimos < soba > finalmente com < leider > para o holandês.

Batuque

“ Entretanto a festa estava pronta. Alguns homens pequenos com batuques pequeninhos começaram a tocar, outros dançavam, e muitos riam alegremente. ” (Ondjaki 2004:21)

¹ ALMEIDA COSTA, J & SAMPAIO E MELO, A. *Dicionário da língua portuguesa, 6.a edição*. Porto editora Lda.

Ynari ainda se encontra na aldeia do homem pequenino onde há uma festa e música com batuques. O batuque é uma espécie de tambor que *‘os negros de África tocam com os dedos’*¹. Tocar neste tipo de tambor faz parte da cultura angolana, e é uma tradição que nasceu no tempo da escravidão. Podemos traduzir <batuque> para o holandês com <trommel> o que simplesmente significa <tambor>. Mas como tentamos ficar perto do texto original, a tradução <trommel> é um pouco vaga porque existem tantas espécies de tambores.

Podemos aplicar o método de traduzir ‘borrowing’ que foi descrito por Vinay e Darbelnet (veja 3.3), isso significa que vamos copiar a palavra <batuque> do português. Assim estamos a traduzir literalmente como fizemos na tradução de <maboque> por exemplo. Apesar do empréstimo da palavra, vamos fazer uma adaptação fonética para o público-alvo pode pronunciar. Como já vimos o som <u> tem um equivalente fonético no holandês <oe> e o som <-que> tem o equivalente fonético <k>. Substituímos esses sons pelos equivalentes fonéticos e criamos <batoek>. A palavra holandesa <trommelen> é o verbo que significa <tocar tambor>. Podemos traduzir <tocar> pelo verbo <trommelen>, deste modo a criança holandesa já sabe que o <batoek> deve ser uma espécie de tambor e mantemos o conceito cultural. Um exemplo de uma tradução possível com uma explicação numa nota:

: *‘Alguns homens pequenos com batuques pequeninhos começaram a tocar (...)’* (Ondjaki 2004: 21)

: *‘Een paar kleine mannen met kleine batoeks¹ begonnen te trommelen(...)’*

¹ De batoek(batuque) is een soort Afrikaanse trommel.

: ¹ O batuque é um tipo de tambor africano.

Ao lado do texto na página 21 do livro (veja anexo) está um desenho pequeno de um batuque, isso também ajuda a criação da imagem do público-alvo.

¹ ALMEIDA COSTA, J & SAMPAIO E MELO, A. *Dicionário da língua portuguesa, 6.a edição*. Porto editora Lda.

Cacimbo

Os velhos das aldeias têm a magia e o poder para destruir e inventar palavras. Eles querem ajudar Ynari a descobrir a sua magia para resolver a guerra entre as aldeias.

*“Todos os **cacimbos** nos reunimos aqui, para destruir palavras que já não servem, e inventar algumas que vão servir para alguma coisa.”*(Ondjaki 2004:24)

Na citação lemos que os velhos reúnem todos os cacimbos. Na página 25 do livro (veja anexo) está um desenho de uma reunião dos mais velhos. Um cacimbo, pronunciado como ‘caximbo’ pelos angolanos, é a ‘estação sem chuvas em Angola’¹ que dura de Maio até o fim de agosto. Os angolanos vivem essa estação como um Inverno² porque é mais fresco. Mas o público-alvo conhece um outro tipo de Inverno com muito frio e às vezes neve. Quando traduzimos <cacimbo> por <winter> o que significa <Inverno>, a criança holandesa pode ter uma imagem diferente do que era a intenção. Uma ideia é fazer uma tradução que indica a seca durante essa estação, deste modo será uma tradução livre. Em 3.3 falamos de Vinay e Darbelnet e uma das maneiras de fazer uma tradução livre: a adaptação. A adaptação da palavra <cacimbo> é uma mudança de ponto de vista do significado <Inverno> para a <estação seca>. <Estação seca> significa <droge seizoen> no holandês. Traduzimos assim:

: “Todos os **cacimbos** nos reunimos aqui (...)”

: “Alle **droge seizoenen** komen we hier bijeen(...)”

¹ Web: <http://www.solislunaeditora.com.br/cacimbo-uma-experiencia-em-angola-jose-de-jesus-barreto.html>

² Com apoio de uma tia

5. Conclusão

Antes que fazer uma tradução, o tradutor deve saber para quem vai traduzir porque o público-alvo é muito importante. Textos literários escritos para crianças têm uma grande influência do adulto, porque ele decide que livros serão publicados, traduzidos e lidos. Nas traduções de literatura infantil o tradutor tem que ter em conta que há dois tipos de leitores: a criança e o adulto.

Depois de saber o público-alvo, o tradutor deve decidir quais estratégias de traduzir quer aplicar. O mais importante é transmitir a mensagem do autor na tradução numa outra língua, esta forma de traduzir é chamada ‘interlingual’. Também podemos chamar uma tradução que envolve duas culturas diferentes ‘intercultural’.

O mapa de Holmes dá uma vista de conjunto dos ramos diferentes na ciência da tradução. Os grandes oponentes na ciência da tradução são tradução literal e tradução livre. Vinay e Darbelnet dão exemplos de ambas formas de traduzir. A tradução de nomes próprios na literatura infantil pode acontecer conforme dez estratégias descritas por Jan van Coillie.

Neste trabalho final analisámos o livro *Ynari a menina das cinco tranças* de Ondjaki para uma futura tradução para o holandês. Tentamos responder à pergunta principal e as duas perguntas em que está dividida:

“ Como se faz uma tradução de literatura infantil, equivalente ao texto fonte, quando este inclui questões culturais desconhecidas? ”

- *’ Quais são as questões culturais desconhecidas?*
- *“ Como se faz, o melhor possível, uma tradução que mantenha os aspectos culturais do texto de origem? ”*

Primeiro analisámos os nomes próprios que dividimos em dois grupos: nomes sem significado e nomes com significado. O primeiro grupo não necessita tradução e pode ser reproduzido na língua-alvo. O segundo grupo (com significado) precisa de uma tradução porque é importante manter a intenção de autor. A estratégia *tradução de nomes com uma conotação particular* de van Coillie é uma boa solução.

Os nomes desconhecidos de flora e fauna, como <palanca negra gigante> e <olongo>

podem-se quase sempre traduzir literalmente porque são nomes sem conotação. Apenas adicionamos uma explicação, ou adaptamos o nome fonético ou morfológico à língua-alvo. Assim as crianças aprendam palavras novas e mantemos a mensagem do texto fonte. O tipo de tradução literal chamado ‘borrowing’ (Vinay e Darbelnet) também é aplicado porque as palavras são emprestadas e usadas na língua-alvo.

Finalmente analisamos os conceitos culturais desconhecidos como <soba> e <cacimbo>. Tentamos manter o mais possível do texto fonte, mas ao mesmo tempo estamos a traduzir para um público infantil. Os conceitos analisados precisam de uma tradução compreensível para a criança holandesa. Optamos pela tradução literal onde possível.

A resposta à pergunta principal é que se faz uma tradução equivalente ao texto fonte usando as estratégias que apoiam uma tradução literal. Com o apoio de explicações numa nota rodapé ou por exemplo uma lista no fim do livro, pode-se reproduzir os nomes. Assim mantemos muito do texto e a intenção de autor. Desta maneira as crianças também aprendem palavras novas. Não há uma solução só mas opções diferentes para traduzir os nomes e conceitos que traduzimos. Apenas damos exemplos de como se pode traduzir com apoio das teorias que escolhemos.

Os desenhos no livro também ajudam o público-alvo a entender algumas palavras que analisamos. Uma ideia para uma futura tradução do livro para o holandês é adicionar mais desenhos, em particular, dos conceitos culturais que são desconhecidos na Holanda.

Bibliografia

AHANIZADEH, S. *Translation of Proper Names in Children's Literature*. Web:

<http://www.translationdirectory.com/articles/article1522.php>

ALMEIDA COSTA, J. & SAMPAIO E MELO. *Dicionário da língua Portuguesa* 6.a edição. Porto: Porto editora Lda.

EPSTEIN, B.J. (2012) *Translating expressive language in children's literature: problems and solutions*. Bern: Peter Lang AG, International Academic Publishers

EVENEPOEL, S. & ROORIJCK, G. (2004) *Taal en cultuur in vertaling. De wereld van Cees Nooteboom*. Antwerpen: Garant

GHESQUIERE, R. (1982) *Het verschijnsel Jeugdliteratuur*. Leuven: Acco

GHESQUIERE, R. (2006) "Why Does Children's Literature Need Translations?" Em: Van Coillie, J. & Verschueren, W.P. (2006) *Children's Literature in Translation. Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome Publishing, pp. 19-33

HENIGHAN, S (2006) "Uma entrevista com Ondjaki." In: *Hispanic Research Journal*, vol. 7, No. 4, pp. 365-371

HENKES, R. & BINDERVOET, E. (2005) *De kunst van het niet-vertalen*. Hoogland & Van Klaveren

HILLESHEIM, B. (2008) "Por uma literatura menor: Produção literária para a infância." Em: *Reflexão e Ação*, vol. 16, No. 2, pp. Universidade de Santa Cruz do Sul. Web: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/627/518>.

HOLMES, J.(1982) "The name and nature of translation studies." Em: Munday, J. (2008) *Introducing translation studies*. London: Routledge

LANGEVELD, A. (1986) *Vertalen wat er staat*. Amsterdam: Arbeiderspers

MEIRA, R. (2009) *Humbi humbi – Djavan e Filipe Mukenga*. Web: <http://www.drzem.com.br/2009/12/humbi-humbi-djavan-e-filipe-mukenga.html>

MUNDAY, J. (2008) *Introducing translation studies*. London: Routledge

NABOKOV, V. (2005) *De kunst van het vertalen*. Hoogland & Van Klaveren

OETTINGER, A.G. (1960) *Automatic Language Translation: Lexical and Technical Aspects, with Particular Reference to Russian*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

OITTINEN, R. (2006) ‘‘No Innocent Act. On the Ethics of Translating for Children.’’ Em: Van Coillie, J. & Verschuere, W.P. *Children’s Literature in Translation. Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome Publishing, pp. 36-45

ONDJAKI (2004) *Ynari – A menina das cinco tranças*. Lisboa: Editorial Caminho

OYEBADE, A.O. (2007) *Culture and Customs of Angola*. Westport: Greenwood Press

(2010) *Revista de bordo de Taag*. Luanda: Edicenter Publicações Lda.

SANTOS AFONSO, J. *Comunicação e teoria da tradução*. Web:

<<http://www.prof2000.pt/users/jsafonso/tese.htm>>

SHAVIT, Z. (1986) *Poetics of Children’s literature*. Athens and London: The University of Georgia press.

SITRIT, Y. (2003) Characterization of Monkey Orange (*Strychnos spinosa* Lam.), a Potential New Crop for Arid Regions. American Chemical Society. Web:

<<http://pubs.acs.org/doi/full/10.1021/jf030289e>>

VAN COILLIE, J. & VERSCHUEREN, W.P. (2006) *Children’s Literature in Translation. Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome Publishing

VINAY, J. & DARBELNET, J. (1995) *Comparative Stylistics of French and English - A methodology for translation. A methodology for translation*. Philadelphia: John Benjamins B.V.

Web:

AFRO, <http://www.afro.who.int/en/zimbabwe/press-materials/item/4517-%E2%80%99Colder-people-a-fountain-of-wisdom%E2%80%9D-prime-minister-on-world-health-day.html> (Última consulta 10-03-2014)

BLOG DA ANGOLA, <http://blogdangola.blogspot.nl/2007/09/olongo.html> (última consulta 10-03-2014)

BLOG DA COMPANHIA, <http://www.blogdacompanhia.com.br/tag/ondjaki/> (última consulta 10-03-2014)

FNAC, <http://www.fnac.pt/Ynari-A-Menina-das-Cinco-Trancas-Ondjaki/a174643> (última consulta 17-02-2014)

KAZUKUTA, <http://www.kazukuta.com/ondjaki/ondjaki.html> (última consulta 17-02-2014)

MUNDO DOS LIVROS, http://mundodoslivrosmrf.blogspot.nl/2012_10_01_archive.html (última consulta 17-02-2014)

OPAIS, <http://www.opais.net/pt/dossier/?det=8213&id=1904> (Última consulta 18-02-2014)

WIKIMEDIA, http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bb/Sable_bull.jpg (Última consulta 10-03-2014)

WIKIPEDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ciconia_abdimii_-London_Zoo-8a.jpg (Última consulta 10-03-2014)

WORDPRESS, <http://sitiodopicapauangolano.files.wordpress.com/2011/12/maboque-mosrteando-interior.jpg> (Última consulta 05-03-2014)

Anexo- fragmentos de *Ynari a menina das cinco tranças*



- Ynari é um nome muito bonito – o homem pequenino sentou-se, ficando, assim, ainda mais pequeno.
- Posso fazer uma pergunta, homem muito pequenino?
- Podes fazer muitas perguntas.
- De onde vens?
- Venho da minha aldeia, que fica mais para cima, junto à nascente do rio.
- E lá, na tua aldeia, são todos pequeninos?
- Sim, somos todos mais pequenos que vocês, quer dizer, depende daquilo que entendemos por «pequeno». Não achas?
- Nunca tinha pensado nisso. Sempre pensei que uma coisa menor fosse uma coisa pequena...
- Pode não ser assim... Conheces a palavra «coração»?

pequeno e mágico roçou o cotovelo no casco da árvore, e ouviram-se passinhos vindos de dentro. Ynari encolheu-se atrás do homem pequeno e mágico.

– Não tenhas medo, Ynari, quero te apresentar duas pessoas muito especiais.

Era um velho muito velho com umas barbas muito grandes que quase chegavam ao chão. Caminhava com a ajuda de um pau torto, muito torto, que era como se fosse a sua bengala pequenina.

– Ynari: este é o velho muito velho que inventa as palavras – disse o homem pequeno e mágico.

O velho olhou para cima, para o rosto belo de Ynari, e sorriu. Bateu três vezes com a sua bengala pequenina no chão, que



era a sua maneira de dizer que estava contente. Atrás dele apareceu outra velha muito velhinha, só que não tinha barbas, tinha uma trança branca muito comprida.

– Ynari: esta é a velha muito velha que destrói as palavras – disse o homem pequeno e mágico. Logo depois Ynari foi sendo apresentada a outros homens pequenos



- Parece que dançam! – Ynari sorria de contente.
- É verdade... parece mesmo. Deve ser altura de usarmos a palavra «admiração», não achas? – sorriu o homem simplesmente pequeno.
- Acho, sim... Mas, olha, tenho que ir.
- Se tens que ir, tens que ir.
- Amanhã posso ver-te? – perguntou Ynari.
- Podes. Amanhã estarei ali, no mesmo sítio onde hoje nos encontrámos, junto ao rio, junto ao nascer do Sol.
- Amanhã podemos brincar com mais palavras?
- Claro. Podemos sempre brincar com as palavras...! – sorriu o homem que já não parecia tão pequenino.
- Bons sonhos – despediu-se Ynari, a correr. – Até amanhã.
- Até amanhã. Bons sonhos para ti também.



– Conheço! – sorriu Ynari. – E não é só uma palavra, é isto que bate dentro de nós – e mostrou no seu peito onde o coração batia.

– Claro, e... O coração é pequeno para ti?

– É... e não é! Cabe tanta coisa lá dentro, o amor, os nossos amigos, a nossa família...

– Vês? – disse o homem mais pequeno que ela. – Às vezes uma coisa pequenina pode ser tão grande...

Os dois ficaram por um tempo calados, olhando o Sol que, do outro lado do rio, quase já tinha desaparecido. Assim, tão amarelada que estava a tarde, parecia que o Sol se ia afogar no rio e que os peixes, saltando, se queimavam nos seus raios avermelhados. Estiveram algum tempo assim, até que Ynari começou a brincar com as suas tranças: eram cinco tranças lindas, negras, compridas. A menina tinha olhos enormes que brilhavam muito e lábios carnudos muito bonitos.

– E tu, de onde vens? – perguntou o homem mais pequeno que Ynari.

– Eu venho daquela aldeia ali – apontou a menina na direcção das cubatas. – Vivo ali com a minha mãe, o meu pai, a minha avó e o meu povo.

– E quem te faz as tranças?

– Ninguém me faz estas tranças, porque elas não se desfazem...

A minha avó diz que eu já nasci com as tranças e que um dia vou saber porquê. Eu gosto muito de brincar com as minhas tranças.



palavras que já não servem, e inventar algumas que vão servir para alguma coisa. Nós conhecemos a sombra da tua magia, mas só tu podes saber onde está a própria magia. Hoje queremos oferecer-te uma palavra e dar-te uma fórmula.

Ynari sorriu, estava contente, sentiu que todas aquelas palavras lhe eram muito «úteis».

- Leva contigo a palavra «permuta» – disseram-lhe.
- E a fórmula? – perguntou Ynari.
- A fórmula está dentro do teu coração.

Ynari estava muito contente ao sair da aldeia dos homens pequeninos, e não ficou triste com a despedida. O homem pequeno e mágico acompanhava-a, e voltaram muito depressa para junto do rio.

Samenvatting

In dit eindwerkstuk staan de begrippen vertalen en kinderliteratuur centraal. Het begrip kinderliteratuur wordt nader bekeken, met de theorie van Ghesquiere(1982) en Oittinen(2006), ook wordt het ontstaan van kinderliteratuur en de invloed van de Verlichting hierop besproken. Met theorieën uit de vertaalwetenschap van onder andere Vinay en Darbelnet(1995), Jan van Coillie(2006) en Munday(2008) wordt er geprobeerd te achterhalen wat een goede vertaling is en hoe men zoveel mogelijk van de originele tekst kan behouden in een vertaling. In de analyse worden de behandelde theorieën toegepast op het boek *Ynari a menina das cinco tranças*(2004) van de Angolese schrijver Ondjaki en worden er suggesties gegeven voor een vertaling van het Portugees naar het Nederlands van dit boek. De hoofdvraag van dit eindwerkstuk is als volgt: *‘Hoe maakt men een vertaling van kinderliteratuur, die gelijkwaardig is aan de brontekst, als het onbekende culturele begrippen betreft?’* Voor de vertaling worden de namen van de personages, flora en fauna en culturele Afrikaanse begrippen uit het boek geanalyseerd. Bijvoorbeeld het vertalen van dierennamen komt aan bod, zoals de namen ‘Palanca Negra gigante’ en ‘Humbi-humbi’. Bij culturele begrippen kunnen we denken aan woorden zoals ‘Cubata’ en ‘Soba’. In de conclusie wordt er antwoord gegeven op de hoofdvraag van dit eindwerkstuk.